

**EMBRAPA**CENTRO NACIONAL DE PESQUISA
ARROZ, FEIJÃO

BR 153 KM 4 - CAIXA POSTAL 179

FONE: 261-3022 - 74000 - GOIÂNIA - GO.

Vinculada ao Ministério da Agricultura

ISBN

COMUNICADO TÉCNICO

Nº 11 novembro 1982 p.1/3

GUANDU ANÃO, UMA NOVA OPÇÃO PARA AS REGIÕES TROPICAIS BRASILEIRAS

Tomás de Aquino Portes e Castro¹
Cleber Moraes Guimarães¹

O guandu (*Canajus cajan* (L.) Millsp.) é uma leguminosa originária da Ásia, que se encontra bem adaptado às condições brasileiras. É muito apreciado na Índia e na África, onde a população o consome de várias formas. No Brasil, é pouco usado na alimentação humana, provavelmente por ser pouco difundido.

Por ser uma espécie rica em proteínas e bem adaptada às condições tropicais, não há por que deixá-la esquecida.

Embora sirva de alimento humano, no Brasil, é mais empregada como forragem, e como adubação verde.

A maior limitação do seu emprego se deve, provavelmente, à dificuldade da colheita ou da incorporação no solo, dado a altura das variedades (entre 2 a 3 metros), tronco robusto e lenhoso. A variedade apresentada neste trabalho, procedente da África e introduzida do CIAT (Colômbia) em 1978, pode contornar estes problemas, pois tem porte anão, caule tenro, razoável uniformidade de maturação e boa adaptabilidade.

¹ Eng^{os} Agr^{os}, M.Sc., Centro Nacional de Pesquisa de Arroz e Feijão (CNPAF) EMBRAPA, Caixa Postal 179 - 74000 GOIÂNIA, GO.

O semeio foi feito em solo de cerrado, com semeadeira de tração mecânica, em 15/09/81, numa área de aproximadamente 2 ha. Foram usados espaçamentos de 50 cm entre fileiras e 37 sementes /m linear, representando população de aproximadamente 740.000 plantas/ha. Foi feita adubação no sulco, com 200 kg/ha de superfosfato simples.

O ciclo entre a emergência e a colheita foi de aproximadamente 140 dias. As plantas eram eretas, formadas pelo caule principal, com altura média, na colheita, de 137 cm, com poucos ramos laterais, que raramente ultrapassaram 45cm. O caule, na época da colheita, atingiu um diâmetro médio de 0,9 cm.

O sistema radicular era do tipo pivotante.

As flores eram amarelas e roxas, para as plantas que produziram grãos de cor creme e roxa, respectivamente.

As plantas mostraram hábito determinado, isto é, por ocasião da floração, todas as gemas apicais se diferenciaram em ráculos florais. Nesta fase, o crescimento vegetativo cessou e iniciou-se o enchimento de vagens. A maturação não foi totalmente uniforme, embora se encontrassem muitas plantas em que as vagens amadureceram simultaneamente. Portanto, parece possível fazer seleção para maturação uniforme, o que facilitará muito a colheita. Nos plantios realizados, verificou-se o aparecimento de plantas de porte menor que as normais, bem como de porte superior, indicando a ocorrência de segregação.

Os dados referidos no Quadro 1 foram tomados de áreas de 2x5 metros, escolhidas ao acaso dentro da cultura. O peso úmido (PU) foi tomado logo após o corte das plantas, e o peso seco (PS), após secagem em estufa a 80°C, por 48 horas.

QUADRO 1., Peso Úmido (PU) e Seco (PS) na floração e colheita, número de grãos por vagem, peso de 100 grãos e rendimento por hectare do guandu anão.

PU (kg/ha)	PS (kg/ha)	Nº Grãos/Vagem	Peso de 100 grãos (gramas)	Rendimento (kg/ha)
Na Floração				
8.370	4.850	-	-	-
Na Colheita				
6.913	4.203	2,5	7,1	1575

A produtividade de matéria verde (Peso Úmido = 8,37 t/ha) e seca (Peso Seco = 4,85 t/ha) não foi tão alta como as relatadas por outros autores, que encontraram até 20 t/ha de matéria verde. Entretanto, a produtividade de grãos, ainda que não tenha sido ideal, aproximou-se da produtividade das variedades tradicionalmente plantadas no Brasil. Devido provavelmente, à alta densidade de plantio (740.000/ha), as plantas apresentaram, em média, apenas 2,5 grãos/vagem. O peso dos grãos (7,1 gramas/100 grãos) mostra que a cultivar tem os grãos muito pequenos.

Embora tenha apresentado algumas deficiências em relação às variedades tradicionalmente plantadas no Brasil, como menor produtividade de matéria verde e grãos pequenos, a variedade tem um grande potencial pelo seu porte pequeno, tornando fácil o seu manejo e facilitando a sua utilização, principalmente como forragem verde e biomassa para incorporação ao solo.